

UM OLHAR PEDAGÓGICO SOBRE O SENTIDO DO ENSINO NO MINISTÉRIO DE JESUS

A pedagogical view about the meaning of teaching in Jesus' Ministry

Dra Gleyds Silva Domingues¹

RESUMO

A proposta deste ensaio é analisar o sentido do ensino no ministério de Jesus, partindo de um olhar pedagógico. Para tal, elegem-se as seguintes questões norteadoras: como é possível reconhecer o impacto do ensino no ministério de Jesus e que efeitos podem ser identificados na vida dos seus aprendentes? E ainda, qual o sentido do ensino efetivado? Resultou este ensino em aprendizagem? Trouxe significado para a vida dos ouvintes? Essas questões são verificadas em quatro textos selecionados: Mt 4.23-25; Mc 7. 24-30; Lc 6. 6-11 e Jo 4.1-30; 39-42, mas que não serão apresentados nesta ordem no interior deste ensaio. A intenção da análise não é exegética, mas puramente pedagógica, portanto a finalidade é olhar para as narrativas na intenção de perceber como o ensino era ministrado e que efeitos podem ser observados na vida dos aprendentes, alvos deste ensino. Observa-se que o impacto do ensino de Jesus ocorria com frequência, quando os significados eram produzidos, dando espaço para novas aprendizagens. Assim, pode-se inferir que o espaço do ensino e da aprendizagem teve lugar de destaque no ministério de Jesus, não é por acaso que até hoje Jesus é considerado o Mestre dos mestres.

Palavras-chave: Ensino. Significação. Sentido. Ministério de Jesus. Aprendizagem.

1 Estágio Pós-Doutoral - Programa de Pós-Graduação em Teologia (PUC/PR). Doutora em Teologia. Mestre em Educação. Professora do Ensino Superior. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Interpretação, Atualização e Transmissão dos Ensinos Bíblicos e Eclesiologia e Práticas Pastorais das Faculdades Batista do Paraná e Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Núcleo Paranaense de Pesquisa em Religião (NUPPER). E-mail: gleyds@ftbp.com.br

ABSTRACT

The purpose of this essay is analyzing, from a pedagogical point of view, the meaning of Jesus' teaching ministry. For this, some guiding questions were elected: how is it possible to recognize the impact of Jesus' teaching ministry and what effects can be identified in the lives of his learners? And also, what is the meaning of the effected teaching? Did this teaching result in learning? Did it bring meaning to the listeners' lives? These issues are verified in four selected texts: Mathew 4.23-25; Mark 7. 24-30; Luke 6-11 and John 4.1-30; 39-42, but these will not be presented in this order inside the essay. The purpose of the analysis is not exegetical but purely educational, therefor the goal is to look at the narratives in an attempt to understand how the teaching proceeded and what effects can be seen in the lives of the apprentices, targets of the teaching. It is observed that the impact of Jesus' teaching often occurred when there were produced meanings, clearing the way for new learning. Thus, one can infer that the space of teaching and learning has a prominent place in the ministry of Jesus, it is no coincidence until today Jesus is considered the Master Teacher.

Keywords: Teach. Signification. Mean. Ministry of Jesus. Learn.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Falar sobre o sentido do ensino no ministério de Jesus é apresentar os objetivos pedagógicos que estão presentes na forma como o ato educativo se configura, quer seja por meio dos exemplos inseridos nas narrativas bíblicas, quer seja por meio das ministrações efetivadas nos relacionamentos estabelecidos entre mestre e discípulos.

O ensino é um processo educativo marcado por códigos e linguagens a serem aplicados no contexto de transmissão de ideias, princípios, valores e conhecimento. Isso indica que o ato de ensinar não é feito de forma

neutra e nem despretensiosa, antes é marcado por uma intencionalidade educativa, por isso uma de suas funções é atuar no processo da formação integral de sujeitos.

O ensino torna-se, então, uma marca educativa distintiva e formativa, visto que por seu intermédio podem ser geradas as visões de mundo, que demarcam a trajetória dos sujeitos diante da realidade, por isso, quando o mestre ensina, o faz munido com as lentes de interpretação eleitas, as quais atribuem sentido à sua vida. Assim, estas lentes fazem parte de um sistema de crenças que fundamentam a cosmovisão² ora abraçada.

É interessante observar que o ensino revela sobre o sujeito que ensina, uma vez que por seu intermédio identificam-se os significados atribuídos ao cosmos e à realidade circundante, envolvendo, ainda, o sentido de ser humano e sua relação com a vida, o que tem tudo a ver com os conceitos desenvolvidos sobre ética, justiça e moralidade.

Não é por acaso que nos discursos proferidos por mestres, os elementos sobre ética, justiça e moralidade são recorrentes, pois são eles que estabelecem o modo como os relacionamentos serão configurados e conduzidos nas interações sociais. Esses mesmos discursos na prática educativa de Jesus assumem uma visão teocêntrica, isto é, aquela em que o agir, o pensar, o sentir e o fazer partem da perspectiva de Deus. Sobre isto, pode-se constatar esta

2 “[...] as cosmovisões se pautam em lentes de interpretação sobre a realidade, concernentes às questões mais fundamentais da existência e da essência do ser humano” (DOMINGUES, G. S. **Cosmovisões e projeto político-pedagógico**: o sentido da formação humana. Saarbrücken, Alemanha: Novas Edições Acadêmicas, 2015, p. 18).

anunciação nas próprias palavras de Jesus registradas no Evangelho de João 7.16, que diz: “Respondeu-lhes Jesus: O meu ensino não é meu, e sim daquele que me enviou”.

A partir deste olhar, este ensaio elege como objetivo apontar o sentido do ensino presente no ministério de Jesus e como este ensino pode produzir significados na vida dos aprendentes. Para tal ação, faz-se necessário recortar o objeto de análise, devido à natureza exemplificativa deste trabalho e o espaço limitado para as interlocuções com os textos escolhidos. Assim, o recorte a ser feito abrangerá especificamente quatro passagens bíblicas situadas nos Evangelhos. São elas: Mt 4.23-25; Mc 7.24-30; Lc 6.6-11 e Jo 4.1-30,39-42, embora estes textos não seguirão esta ordem de apresentação, no desenvolvimento das discussões efetivadas.

A intenção da análise não é exegetica, mas puramente pedagógica, portanto a finalidade é olhar para as narrativas na intenção de perceber como o ensino era ministrado e que efeitos podem ser observados na vida dos aprendentes, alvos deste ensino. Busca-se encontrar pistas sobre a influência deste ensino na produção de significados gerados. Afinal, o significado é gerado quando se responde ao sentido construído, promovendo a aprendizagem.

A questão norteadora deste ensaio diz respeito à seguinte reflexão: como é possível reconhecer o impacto do ensino no ministério de Jesus e que efeitos podem ser identificados na vida dos seus aprendentes? E ainda, qual o sentido do ensino efetivado? Resultou o ensino em

aprendizagem, ou não trouxe significado para a vida dos ouvintes?

Vale a pena enfatizar que a proposta deste ensaio é desafiadora e pode ser que não atinja plenamente seu objetivo, mas uma coisa é certa, aqui se inicia um espaço para novas inquietações sobre este tema tão intrigante, que é o ensino, por isso espera-se que esta discussão não seja vista apenas como mais um texto, mas uma tentativa de provocação para novas pesquisas sobre o objeto eleito.

1. O ENSINO COMO ESPAÇO DE SIGNIFICAÇÃO

Antes de iniciar a análise pedagógica dos textos bíblicos, é preciso compreender o espaço ocupado pelo ensino como objeto de significação, uma vez que o ato de ensinar está carregado de códigos a serem não apenas decodificados, mas apropriados com e de sentido. Isso ocorre porque o ensino não é apenas um canal de transmissão de conteúdos, mas pode ser visto como um espaço singular que articula ideias, posicionamentos e cosmovisão.

A palavra ensino de origem latina *insignare*, traz como significado as ações de apontar numa direção, fazer ou marcar com um sinal, gravar, assinalar, colocar signos, o que indica a presença de uma linguagem fortemente marcada por códigos. Essa mesma palavra, na origem grega, vem de *didasko*, que significa estender a mão para. Nesta acepção, o ensino é percebido como um ato puramente relacional e envolve muito mais que uma transmissão oral de algum conteúdo. Isso sinaliza para o lado humanizador do ensino, que busca resgatar, ajudar, pos-

sibilitar que a segunda pessoa nesta relação consiga superar obstáculos. É como se por meio do ensino quisesse-se abrir os olhos do aprendente, para o que não se consegue ver por um dado momento.

Interessante que a palavra *didasko* aparece 95 vezes no Novo Testamento e destas, 38 se encontram nos Evangelhos, o que indica a relevância deste tema no contexto bíblico e no ministério de Jesus. Tanto é assim que “nenhum outro aspecto do ministério de Jesus é tão frequentemente salientado nos evangelhos como o seu ensino”.³

Ensinar, portanto, pode ser compreendido como um ato valorativo que se verifica na interação entre pessoas, fazendo uso da prática comunicativa munida de códigos e linguagens a serem significados na vida, a qual reflete nas expectativas geradas nos aprendentes sobre o objeto a ser conhecido. Afinal,

[...] o conhecimento ganha sentido num contexto de vida, num contexto de necessidade real, e, em circunstâncias concretas, convoca o indivíduo a agir, a empregar sua memória, a experimentar, a arriscar, a improvisar.⁴

É neste contexto que os dizeres expressos e/ou silenciados pelos sujeitos envolvidos no ato educativo compartilham suas visões de mundo, as quais representam a forma como tecem leituras sobre a vida. Isso indica que “o dizer não é particular. As palavras não são, só, nossas.

3 CHAMPLIN, R. N. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**. São Paulo: Hagnos, 2001, p. 392.

4 PERISSÉ, G. **A arte de ensinar**. São Paulo: Saraiva, 2012, p. 18.

Elas significam pela história e pela língua”.⁵

As palavras, então, tornam-se representantes de uma diversidade de visões de mundo e é nesse ponto que se encontra o desafio de ensinar, visto que não se pode adotar um único discurso ou uma única visão, mas a tentativa de estabelecer a proposta de uma ação comunicativa direcionada à aprendizagem. Diante disto, deve-se, portanto, pensar o ensino como espaço da diferença, devido à diversidade encontrada, a qual possibilita ao mestre refletir sobre o uso de ferramentas que possam auxiliar no processo de inovação do ensino, numa situação pedagógica que se denominou de aula.

Não é por acaso que a condição basilar do ensino não se restringe ao caráter conteudista e mecânico sobre uma área do conhecimento, mas a sua intenção é “transformar a informação numa ponte luminosa entre a realidade do aluno e a realidade da cultura, entre o mundo do aluno e o mundo da gramática, entre a vida do aluno e a vida das palavras”.⁶ Dito isto, pode-se afirmar que o ensino pode ser apresentado como portador de uma linguagem simbólica e por isto torna-se um espaço ímpar para que ocorram encontros, desencontros, ações e reflexões sobre a vida. É a vida o ponto central tanto do ensino como da aprendizagem.

É, ainda, no espaço do ensino que a curiosidade é aguçada, como também a criatividade, por isso é este um espaço único para tecer diálogos sobre o objeto a ser

5 ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2003, p. 32.

6 PERISSÉ, 2012, p. 14.

conhecido. É neste espaço, também, que deve imperar o compartilhamento de ideias e experiências, tão essenciais à produção de novas aprendizagens.

A aprendizagem num contexto dialógico possibilita a expressão de uma prática relacional, que possibilita a apropriação de códigos, contendo símbolos e linguagens, as quais estão inter-relacionadas com a vida. E é neste momento que reside a beleza da aprendizagem, compreender e interpretar os códigos da vida.

O ensino, portanto, deve ser o lugar do encontro, da possibilidade e da interatividade, incentivando o desenvolvimento da criatividade, da imaginação, da autenticidade e da dialogicidade sobre o objeto a ser conhecido. O ato de conhecer já emite a ideia de um código a ser (des)coberto, interpretado, o que confere visibilidade ao que antes estava escondido. Sobre este ato, pode-se falar no processo de construção de novos significados.

A ação do conhecer é ativa, participativa e criativa, ela envolve diferentes sujeitos e suas percepções, à medida que lhes confere ferramentas que auxiliam no processo de significação pelas descobertas efetivadas. A descoberta é movida pela curiosidade que aguça a procura do sentido ou dos sentidos sobre o que é ou está sendo conhecido. Isso, porém, não é feito de forma aleatória, antes parte de uma intenção daquele que ensina. Isso revela que o ato do ensino pode abrir ou fechar pontes no processo de construção de significados. Esta é uma decisão política que se apresenta a cada um que se dispõe a ensinar algo a alguém.

O ensino, portanto, ao propiciar a construção de significados, tem seu apoio nos instrumentos simbólicos de mediação que se fazem presentes nas interações sociais, isto quer dizer que ao ensinar o mestre lança mão de linguagens e códigos que fazem parte da realidade social, a fim de aproximar as pessoas do objeto do ensino. Afinal, a significação é mais bem efetivada quando há identificação com o objeto, ou seja, quando existe familiaridade ou proximidade com o que se está conhecendo.

É preciso, ainda, enfatizar que o ensino só faz sentido quando o sujeito se reconhece no processo de aprendizagem. Não há como falar em ensino distanciado da significação gerada na prática educativa, visto que a finalidade do ensino deve estar direcionada à aprendizagem. Afinal, “toda a aprendizagem relevante é no fundo um processo de diálogo com a realidade social e natural ou com a realidade imaginada”.⁷

Ao pensar no ensino, enquanto possibilidade de dialogar com o outro, compreende-se que o desafio colocado visa a superar a transmissão puramente mecânica de um conteúdo, a fim de oportunizar uma aprendizagem que se constitua na apropriação significativa do conhecimento. E é nesta direção que se tecem os argumentos sobre o ministério de ensino desenvolvido por Jesus, numa perspectiva pedagógica, a partir da eleição de quatro textos extraídos dos Evangelhos.

7 SACRISTÁN, J. G.; PÉREZ GOMÉS, A. I. **Comprender e transformar o ensino**. Porto Alegre: Artmed, 2007, p. 97.

2. O ENSINO DE JESUS NOS TEXTOS BÍBLICOS

A palavra *rabi*, nos tempos bíblicos, era uma forma de tratamento destinada a pessoas reconhecidas e respeitáveis na sociedade da época. Este termo “É frequentemente traduzido por *kyrie* (senhor) ou *didaskale* (mestre)”.⁸ Isso significa que esta denominação estava associada à ideia de um professor que ensinava algo a alguém. Assim, este exercício era feito por pessoas específicas, que tinham grande prestígio na comunidade judaica, originalmente chamadas de rabinos ou escribas.

No contexto dos evangelhos, o título mestre (*rabi e didaskale*) é atribuído a Jesus tanto pelo povo como pelos seus discípulos. Afinal, nos escritos dos evangelhos é possível encontrar registros desta função exercida por Jesus. Afinal, ele “ensinava publicamente, isto é nas sinagogas, no templo, ou no ar livre”.⁹ Pressupõe-se disto que o espaço não era um limitador para a prática do ensino efetivada por Jesus, visto que qualquer lugar era um bom lugar para ministrar às pessoas. Não é por acaso que Jesus, por conta do seu ministério de ensino, é reconhecido como o Mestre dos mestres.

Ainda sobre Jesus ser considerado mestre, é preciso ressaltar que esta denominação não foi uma imposição exigida por ele para as pessoas que o seguiam, quer fossem seus discípulos, quer fossem seus ouvintes. O uso do título revela que, “tanto seus discípulos como aqueles de

8 McKENZIE, J. L. **Dicionário bíblico**. São Paulo: Paulus, 2005, p. 769.

9 COENEN, L.; BROWN, C. (edits). **Dicionário internacional de Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 635.

fora de seu círculo, os quais não tinham certeza do que precisamente seu caráter e missão significavam, tratavam-no como um da única classe de líder religioso que eles conheciam”.¹⁰ E esta classe era a dos rabinos, os mestres da época.

É interessante notar que Jesus tinha um estilo próprio para ensinar; ele não se restringia à transmissão oral da lei, a fim de que a mesma fosse repetida de forma mecânica, mas a sua aplicabilidade na vida. A inter-relação entre a teoria e a prática constituía-se na marca distintiva do ensino de Jesus. Afinal, deve-se questionar sobre a aplicabilidade e o significado do ensino, quando este não pode ser contemplado no dia a dia das pessoas. Nesta perspectiva pode-se ressaltar que Jesus

[...] não era um simples expositor da doutrina tradicional; ensinava sua própria doutrina positiva baseada na sua autoridade pessoal. Na explicação das escrituras seu ensinamento era em última análise a demonstração bíblica de que o reino de Deus chegara e se cumpria nele.¹¹

O certo é ressaltar que Jesus ensinava utilizando diferentes ferramentas metodológicas - parábolas, exemplos, perguntas, sinais, exposições de temas, preleções, fatos do cotidiano e, etc. - visto serem elas indispensáveis para ministrar aos corações das pessoas. A intenção era tornar o ensino significativo, o qual pudesse resultar em aprendizagem.

10 McKENZIE, 2005, p. 769.

11 McKENZIE, 2005, p. 283.

Este ensino, dentre outras finalidades, objetivava revelar sobre o sentido de ser um verdadeiro discípulo; e, quando o ouvinte compreendia a mensagem, era confrontado com uma escolha pessoal. Nesta escolha figurava um desafio, associado ao desempenho de uma missão. Esta missão tinha a finalidade de fazer novos discípulos, a partir do testemunho e exemplo de vida transformado pela mensagem da palavra de Deus. Quando isto ocorria, podia-se dizer que a mensagem tinha sido significada na vida dos seus ouvintes. E, novamente deve-se afirmar que: se houve significação, é porque aconteceu a aprendizagem.

Um exemplo disto pode-se encontrar na narrativa de João 4.1-30; 39-42, em que Jesus conversa com a mulher samaritana.¹² Apesar de todas as impossibilidades para que esta conversa pudesse acontecer, devido às próprias restrições envolvidas entre judeus e samaritanos, é precisamente no contexto da improbabilidade, que Jesus rompe com o pré-conceito e constrói um ambiente propício para o ensino e a aprendizagem. Ele opta por uma abordagem dialógica, cuja base é a manifestação de uma necessidade humana.

Jesus, ao manifestar uma necessidade física (estava

12 Os samaritanos eram considerados inferiores pelos judeus e “sem qualquer direito diante de Deus. Jesus dirige a palavra a uma mulher samaritana. Aparentemente, também era rejeitada em sua comunidade, pois veio sozinha tirar água do poço. Em terras bíblicas, tirar água e conversar na fonte era o ponto alto da vida da mulher”. Portanto, na própria vila em que morava foi condenada ao ostracismo por sua vida imoral – uma mulher não-casada que vivia abertamente com o quinto de uma série de homens (RICHARDS, L. **Comentário bíblico do professor**: um guia didático completo para ajudar no ensino das escrituras sagradas do Gênesis ao Apocalipse. São Paulo: Vida, 2004, p. 830).

com sede e cansado), atrai a atenção da mulher com um pedido (dá-me de beber). É claro que isso causa surpresa, principalmente, porque além de ser uma mulher, era samaritana, ou seja, duas características que já indicavam, naquele contexto, ato de exclusão social. Este pedido, porém, torna-se o elo inicial do diálogo que daria continuidade ao ensino sobre o real significado espiritual atribuído à água. Isso indica que numa abordagem dialógica faz-se necessário estabelecer uma ponte de comunicação com o ouvinte, partindo-se do contexto em que este está inserido. Nisso reside a intencionalidade do processo educativo, que Jesus soube utilizar com muita propriedade.

Quando o ouvinte (aprendente) compreende o significado do código, ocorre a aprendizagem, por isso que a ação gerada é de compartilhar com outros sobre o que foi aprendido, assimilado e apropriado. Tanto é assim, que a mulher samaritana toma uma atitude após o diálogo estabelecido; deixa o que está fazendo e retorna à cidade para transmitir a boa nova. E a narrativa ressalta que, por conta do seu testemunho, muitos creram no evangelho de Jesus.

Nesta narrativa, podem-se contemplar três momentos do ensino: restauração, reconciliação e recomeço. O primeiro coloca em evidência a situação presente; o segundo oportuniza uma decisão pessoal e o terceiro produz novidade de vida. E isto foi aprendido pela mulher e não compreendido de imediato pelos discípulos, porque, ainda, não haviam se apropriado do contexto do ensino, nem do significado do código e nem mesmo do impacto

que este faria na vida daquela mulher, juntamente com a sua comunidade.

Interessante que a esta mulher, Jesus “anunciou-lhe a boa notícia de que o Pai procura pessoas que o adorem em espírito e em verdade”.¹³ Essa atitude demonstra o reconhecimento que Jesus estava atribuindo à pessoa, valorizando-a e possibilitando que ela - mulher - pudesse enxergar a si mesma sobre um novo prisma, o prisma do amor de Deus. Afinal, “Deus nos considera dignos de seus cuidados apesar de nossa ruína. Ele nos valoriza a ponto de procurar-nos, de nos convidar à intimidade e de regozijar-se com nossa adoração”.¹⁴

Nesta abordagem dialógica pode-se dizer que o primeiro sentido encontrado no ensino de Jesus tem caráter inclusivo, sendo ministrado independentemente do gênero, das circunstâncias e condições humanas, porque o seu alvo sempre foi e será o coração de homens e mulheres que precisam conhecer sobre a verdade que transforma e traz novidade de vida.

A segunda narrativa a ser analisada sobre o ensino de Jesus é encontrada em Lc 6. 6-11. Este texto bíblico aborda a questão da licitude de fazer algo no sábado, envolvendo, em primeiro plano, o posicionamento de Jesus, que contraria, em segundo plano, o dos líderes religiosos. Segundo a lei mosaica, o sábado era um dia reservado para o descanso. É claro que esta questão normativa e legal não se torna um impeditivo para a ação de Jesus, visto que “como Senhor do sábado, Jesus, o Filho de Deus,

13 RICHARDS, 2004, p. 831.

14 RICHARDS, 2004, p. 831.

que ordenara que esse dia servisse para descanso – podia determinar ele próprio o que era certo fazer neste dia”.¹⁵

Neste texto, a beleza da ação de Jesus é surpreendente, pois, mesmo tendo a autoridade do filho de Deus, ele transforma a visão sobre as situações a partir do aspecto da essencialidade. Ele não apenas ensina, mas produz reflexão em ação, o que se pode denominar no contexto da educação de práxis educativa. A práxis educativa é definida como a atitude que promove ação-reflexão-ação. Afinal, “é essa reflexão que produz as saídas práticas de que o docente se vale no seu cotidiano e constrói novos conhecimentos-na-ação que serão mobilizados em situações futuras”.¹⁶

Na perspectiva da práxis, Jesus utiliza a metodologia da pergunta, pois ela possibilita o confronto com a situação-problema, na tentativa de encontrar respostas que auxiliem na resolução. A metodologia da pergunta tem natureza ética, visto que convida as pessoas a exporem suas ideias, ou seja, suas visões de mundo. E ao expressarem as visões de mundo tornam-se conhecidos os valores, as crenças, os comportamentos, os sentimentos, ou seja, a forma como cada uma interpreta e tece leituras sobre a realidade em que estão inseridas.

A ação de Jesus nesta narrativa possibilita extrair duas atitudes pedagógicas, as quais podem ser utilizadas pelo mestre em momentos de conflito ou tensão. A primeira é que, diante da oposição, o mestre precisa manter

15 RICHARDS, 2004, p. 761.

16 LOPES, A. C.; MACEDO, E. **Teorias do currículo**. São Paulo: Cortez, 2011, p. 153.

o equilíbrio para lidar com a adversidade. Ele precisa estar sempre à frente dos aprendentes. E a segunda é que sua atitude não objetiva conseguir aprovação dos aprendentes, agindo para agradá-los, mas a libertação de comportamentos engessados por uma tradição ou ideia. Sua ação é tipicamente educativa. Jesus ensina que a motivação do fazer deve estar associada, prioritariamente, à preservação da vida.

Em contrapartida, a reação dos opositores diante da pergunta de Jesus foi de espanto e inoperância, primeiro porque eles revelaram, por suas atitudes, que não estavam ali para aprender, mas para impor suas ideias, costumes e tradições. Segundo, porque, ao disporem de um ser humano como objeto de disputa sobre seguir ou não à lei, demonstraram que a sua intenção não era o bem-estar da pessoa, mas a sua utilização como uma isca em benefício próprio, ou seja, da manutenção das suas crenças e tradições. Terceiro, eles não estavam abertos para o novo, antes “os líderes religiosos não tinham qualquer preocupação com o ser humano, e tentavam jogar o povo contra Jesus”.¹⁷ Mais uma vez, Jesus contraria a ordem instituída por homens, a fim de promover novas aprendizagens, ressaltando que a vida é um bem precioso que merece ser considerado para além das normas e das tradições estabelecidas.

O terceiro texto analisado encontra-se em Mc 7.24-30. Nele, Jesus trava um diálogo com uma mulher sírio-fenícia e mais uma vez a questão irá envolver a visão

17 RICHARDS, 2004, p. 761.

inclusiva sobre a ação de Deus. Afinal, o evangelho do reino visava apenas a uma comunidade específica, ou atingia a toda a humanidade? Eis uma questão que neste trecho é respondida em forma de um código. Este código, porém, é compreendido pela mulher que, num ato de ousadia, oferece a resposta que traduz a excepcionalidade da ação educativa, a saber: a visão de totalidade, universalidade e inclusão, sinalizando que o ato educativo deve envolver todos, indiscriminadamente.

Sobre a mensagem portadora de códigos é bom salientar que o ato de possuir a chave de interpretação oportuniza não apenas a sua decifração, mas a compreensão da mensagem, como uma parte representada da verdade significada na realidade social e que pode ser reinterpretada. Esta mensagem pode vir em forma de um texto ou acontecimento. Neste caso específico, ocorreu um acontecimento.

Croatto¹⁸ revela que o acontecimento, por ser anterior à palavra, diz que sua existência está ligada ao ato de interpretar e explicitar o acontecimento, derivando disso a reserva de sentido, à medida que se apropria do mesmo e o apresenta à nova realidade, uma vez que “a palavra diz e desdiz a todo o momento. Decifrar a linguagem é um desafio que se apresenta para aqueles que a percebem como uma prática discursiva”.¹⁹

É preciso ressaltar que provavelmente esta mulher

18 CROATTO, J. S. Êxodo: uma hermenêutica da liberdade. São Paulo: Paulinas, 1981, p. 31.

19 DOMINGUES, Gleyds S. Palavra: um espectro de significados. In: **Via Teológica**, Curitiba: FTBP, n. 20, jun, 2011, p. 73.

teria ouvido sobre os feitos do Senhor Jesus, e, embora oriunda de outra região e cosmovisão, não se limitou a procurar por uma solução. Isso indica que no ato da aprendizagem ocorre uma busca por respostas sobre as questões da vida. Essa busca é denominada de necessidade de conhecer e comprovar sobre o objeto a ser conhecido, o que resulta na capacidade de determinação a ser demonstrada pelo aprendente.

A aprendizagem no contexto do acontecimento marca-se pelo processo de significação, o qual é gerado na compreensão e interpretação dos códigos. Isso revela que, ao pronunciar uma mensagem, faz-se necessário preenchê-la de sentido. Afinal, o sentido dado ao ato de compreender vincula-se ao saber para conhecer, que se constitui na tentativa de descobrir como as interpretações acontecem. Assim, “a compreensão procura a explicitação dos processos de significação presentes [...], permite que se possam escutar outros sentidos que ali estão, compreendendo como eles se constituem”.²⁰

Claro está que, neste texto, a mensagem provocativa proferida pelo Senhor Jesus resultou em aprendizagem, visto que esta não apenas foi compreendida, mas ressignificada pela aprendente, a qual apresentou uma nova possibilidade de resposta, diante da afirmação efetivada. O ato de ensinar e aprender oportuniza novas construções de respostas às questões colocadas pela vida, o que possibilita o surgimento de ideias, projetos e possibilidades de ação educativa, visando ao processo formativo das pessoas.

O último texto encontra-se em Mt 4.23-25, nele

20 ORLANDI, 2003, p. 26.

é possível perceber duas dimensões do ensino de Jesus: a primeira associada à ação e reação e a segunda à autoridade. Na primeira dimensão, pode-se observar que Jesus não apenas ensinava, mas praticava os princípios de seu ensino, e como consequência direta ocorre a ação de atração sobre sua prática educativa, visto que as pessoas sentiam segurança no seu ensino. Não é por acaso que sua fama atingiu lugares fora da sua zona de convivência.

O ensino praticado por Jesus tinha como objetivo a formação de novos aprendentes, ou seja, discípulos. A palavra discípulo vem do latim *discipulos*, que significa aluno, aprendiz. A raiz desta palavra vem de *discere*, que significa ensinar. Interessante que esta mesma palavra no grego vem de *mathetés*, que tem sua derivação na palavra que significa aprender. Isso indica que a essência da formação discipular está no ato de ensinar e de aprender. Isso é fantástico.

A segunda dimensão encontrada na prática do ensino de Jesus é o exercício de autoridade, causando a admiração das pessoas, por isso que os feitos de Jesus espalhavam-se por toda a parte. No exercício de autoridade, o conteúdo de ensino é fundamentado pela verdade, a qual se manifesta na palavra proferida e na confiança que gera na vida dos ouvintes. Essa confiança traz como fonte de significação o sentido de viver os princípios a partir do que “Deus diz e escolher em cada situação fazer o que está em harmonia com sua vontade revelada”.²¹

Sobre o conteúdo de Mateus 4, Richards ainda ressalta que Jesus é relatado como alguém que exerce con-

21 RICHARDS, 2004, p. 618.

trole sobre si mesmo, visto que “Jesus demonstrou seu direito de reinar sobre nós ao provar que tinha autoridade sobre o pior inimigo do homem- o próprio homem”.²² Eis a natureza da prática educativa de Jesus: a educação integral de homens e mulheres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir este ensaio, é preciso enfatizar a natureza da prática educativa de Jesus direcionada à educação integral de homens e mulheres, por ela compreender as diferentes dimensões da vida. Assim, toda a vez que se pensa no ato educativo, deve-se enxergar este ser humano na perspectiva bio-psico-cognitivo-espiritual.

Nas narrativas bíblicas selecionadas, observa-se que o processo educativo envolveu atos de significação, no sentido de construir sentidos para a vida. Assim, pode-se compreender que o processo ensino- aprendizagem objetiva desenvolver conceitos, princípios e diretrizes que deverão ter aplicabilidade na vida. Este era um dos objetivos principais do ministério de ensino desenvolvido por Jesus.

É preciso, ainda, salientar que as aprendizagens ocasionadas nos relatos bíblicos foram resultados diretos da apropriação do código informado, o qual sofreu ressignificações, a partir das novas leituras oportunizadas pelos aprendentes. Isso indica que o ato educativo não se encontra fechado e determinado, mas permite o diálogo, o enfrentamento e a proposição de uma nova rede de sig-

22 RICHARDS, 2004, p. 618.

nificação, a qual permite novas leituras sobre a realidade.

Por fim, é possível reconhecer o impacto do ensino no ministério de Jesus, a partir das transformações de atitudes, comportamentos e visões de mundo, o que indica que a prática educativa de Jesus é significativa, uma vez que produz novidade de vida.

Com certeza, Jesus é o exemplo de mestre a ser seguido. Ele exerceu a excelência no ensino, por essa razão observar seu ministério e a forma que ministrou aos ouvintes, pode ser um primeiro indicativo para aqueles que estão ou desejam envolver-se com esta área de ação educativa.

Espera-se que este exemplo produza resultados significativos na prática do ensino e da aprendizagem, pois o que se deseja é a formação de sujeitos comprometidos com o reino e com os princípios do evangelho que visam a expansão deste mesmo reino.

REFERÊNCIAS

CHAMPLIN, R. N. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**. São Paulo: Hagnos, 2001.

COENEN, L.; BROWN, C. (edits). **Dicionário internacional de Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2000.

CROATTO, J. S. **Êxodo: uma hermenêutica da liberdade**. São Paulo: Paulinas, 1981.

DOMINGUES, G. S. **Cosmovisões e projeto político-pedagógico**: o sentido da formação humana. Saarbrücken, Alemanha: Novas Edições Acadêmicas, 2015.

_____. Palavra: um espectro de significados. In: **Via Teológica**, Curitiba: FTBP, n. 20, jun, 2011.

LOPES, A. C.; MACEDO, E. **Teorias do currículo**. São Paulo: Cortez, 2011.

McKENZIE, J. L. **Dicionário bíblico**. São Paulo: Paulus, 2005.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2003.

PERISSÉ, G. **A arte de ensinar**. São Paulo: Saraiva, 2012.

RICHARDS, L. **Comentário bíblico do professor**: um guia didático completo para ajudar no ensino das escrituras sagradas do Gênesis ao Apocalipse. São Paulo: Vida, 2004.

SACRISTÁN, J. G.; PÉREZ GOMÉS, A. I. **Compreender e transformar o ensino**. Porto Alegre: Artmed, 200



A Revista Via Teológica está licenciada com uma
Licença Creative Commons

Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0
Internacional